

1

A criança estava garantida, mas o novo arranjo não poderia deixar de ser confuso para uma inteligência em formação, plenamente consciente de que alguma coisa da maior importância ocorrera e ansiosa pelo desenrolar dos efeitos de uma tão considerável causa. Esta menina paciente estava destinada a ver muito mais do que a princípio compreendia, mas talvez também a compreender, desde cedo, muito mais do que qualquer outra menina da sua idade antes, por mais paciente que fosse. Apenas o rapaz do tambor da história ou da balada poderia, no coração da refrega, familiarizar-se com este estado de coisas. Foi feita confiante de paixões às quais assistiu com o mesmo olhar arregalado com que veria imagens a dançar numa parede projetadas pela lanterna mágica. O seu pequeno mundo era fantasmagórico, composto por sombras estranhas esvoaçando num lençol. Era como se aquele espetáculo tivesse sido montado expressamente para si — uma menina assustada numa imensa sala à meia-luz. Em suma, a vida fora-lhe oferecida generosamente como consequência do egoísmo alheio, e nada havia nela para impedir esse sacrifício a não ser a candura da sua tenra idade.

A primeira temporada foi passada com o seu pai, que apenas a poupou à leitura das cartas desenfreadas que lhe eram endereçadas pela mãe: ele limitava-se a mostrá-las e a agitá-las, enquanto arreganhava os dentes, e a seguir entretinha-a com a forma como as lançava, do outro lado da sala, para o fogo da lareira. Não obstante, ela experimentava, até nesses instantes, uma antecipação assustada de fadiga, um complexo de culpa de não estar à altura da ocasião,

usufruindo do encanto da violência com a qual aqueles rígidos envelopes inviolados, cujos grandes monogramas — Ida eriçava-se com monogramas — gostava de apreciar, zuniam em lances, quais mísseis perigosos, pelo ar. A maior consequência da grande causa era a maior importância que a si se atribuía, e que no seu caso se notava primordialmente na crescente facilidade com que era manobrada, puxada para aqui, empurrada para ali, beijada, e a proporcionalmente maior simpatia que era obrigada a demonstrar. As suas feições tinham de alguma maneira ficado proeminentes; tal a frequência com que haviam sido beliscadas pelos cavalheiros que vinham visitar o seu pai, soltando baforadas de charutos para cima dela. Alguns destes cavalheiros faziam-na riscar fósforos e acender os seus cigarros; outros, sentando-a nos seus joelhos violentamente sacudidos, beliscavam-lhe as barrigas das pernas até ela guinchar — o seu guincho era muito admirado —, aproveitando para lhas censurar, equiparando-as a palitos. O termo alojou-se na sua mente e contribuiu para o sentimento de que estaria em falta em relação a alguma coisa que era tida, de um modo geral, como desejável. Ela descobriu de que se tratava; de uma tendência congênita para produzir uma substância à qual Moddle, a sua ama, dera um nome curto e grosso, um nome dolorosamente associado, à hora de jantar, com aquela parte da carne que ela não gostava. Maisie já havia deixado o tempo em que não tinha que satisfazer nenhuma expectativa, fossem elas quais fossem, a não ser as de Moddle, que, em Kensington Gardens, mantinha fidelidade ao banco que escolhia para se sentar enquanto ela brincasse, qual farol para sinalizar eventuais afastamentos. As expectativas de Moddle passavam simplesmente por pedir-lhe que não se afastasse muito, e tão de bom grado corria ela ao seu encontro que as únicas nuvens em todo aquele belo panorama eram os momentos em que lhe cruzava o espírito a ideia do que seria feito dela caso, alguma vez, num daqueles seus regressos para confirmar a presença da sua ama, de repente não houvesse mais Moddle no banco sentada. Em todo o caso continuavam a frequentar os jardins, mas até aí havia uma diferença; ela sentia-se constantemente impelida a inspecionar as pernas das outras crianças e perguntar à ama se se tratariam de palitos. Moddle era de uma franqueza direta; respondia sempre: «Oh, minha querida,

nunca encontrará umas pernas como as suas.» Isto parecia estar relacionado com outra coisa que Moddle muitas vezes dizia: «Está a sentir uma tensão — é o que é; e no futuro ainda sentirá mais, sabe.»

Assim, e desde a primeira hora, Maisie não apenas sentia, mas sabia que o sentia. Parte disso era a consequência de o seu pai lhe dizer que ela também o sentia, e de comunicar a Moddle, na sua presença, que uma das suas obrigações passava por enfatizar isso mesmo. Ela estava já familiarizada, aos seis anos, com o facto de que tudo tinha sido alterado por causa dela, de que tudo havia sido disposto de maneira a que o seu pai se consagrasse a ela. Deveria recordar sempre as palavras com que Moddle procurou gravar nela a ideia de como o seu pai se consagrara: «O seu papá quer que a menina nunca se esqueça, está bem, do quão drasticamente alterou a sua vida por si.» Se a pele no rosto de Moddle tinha aos olhos de Maisie o ar de ser excessivamente, quase dolorosamente, retesada, tal aspeto nunca era tão evidente como quando ela pronunciava, como tanta vez pronunciava, aquelas palavras. A menina interrogava-se se elas não lhe faziam doer a cara mais do que o habitual; mas foi apenas com o decorrer do tempo que foi capaz de acrescentar à imagem dos sofrimentos do seu pai, e mais particularmente aos maneirismos da mãe ao versar sobre eles, o sentido que estas coisas exigiam. Quando enfim se veio a tornar mais arguta, como os cavalheiros que haviam criticado as suas barrigas das pernas costumavam dizer, encontrou na sua mente uma coleção de imagens e ecos a que agora poderia atribuir uma explicação — imagens e ecos guardados na penumbra da infância, no armário sombrio, nas gavetas mais altas, como jogos para os quais não tivesse ainda idade. A grande tensão entretanto passava por dar sentido às coisas que o seu pai dizia sobre a sua mãe — a maioria dessas coisas, Moddle, após uma breve vistoria, como se de brinquedos ou jogos complicados se tratassem, retirava das suas mãos e guardava no armário. Um magnífico sortido de objetos desta espécie viria ela a descobrir ali mais tarde, todos misturados por sua vez com as coisas, amontoadas no mesmo recipiente, que a sua mãe tinha dito sobre o seu pai.

Ela tinha a noção de que, numa dada ocasião que cada dia que passava antecipava, a sua mãe estaria a bater à porta para a levar, e esta nuvem haveria de carregar todos os seus dias se a engenhosa

Moddle não tivesse escrito num papel em grandes e fáceis letras os tantos deleites que ela haveria de gozar na outra casa. Estas promessas iam desde «o adorável afeto de uma mãe» a «um belo ovo escalfado à refeição», passando pela perspectiva de poder ficar acordada até tarde a ver a senhora em questão a vestir-se para sair, em meio a sedas e veludos e diamantes e pérolas: de modo que para Maisie foi uma preciosa ajuda, chegada a grande hora, poder sentir, sob a orientação de Moddle, um papel que se metia à pressa no bolso e ali era esmagado pela resolução do seu punho. A grande hora viria a deixar-lhe uma recordação vívida, a de um estranho arrebatamento na sala de estar da parte de Moddle, que, em resposta a qualquer coisa que o seu pai tivesse acabado de proferir, exclamava alto e bom som: «O senhor devia ter vergonha — devia ficar vermelho de vergonha, senhor, com a sua conduta!» A carruagem, com a sua mãe ali plantada, estava à porta; um cavalheiro que se achava ali, que se achava sempre ali, ria a bom rir; o seu pai, que a estreitava nos seus braços, dizia para Moddle: «Minha estimada senhora, já trato de *si*, é só um instante!» — após o que ele repetia, mostrando mais do que nunca os seus dentes a Maisie enquanto a abraçava, as palavras que tinham provocado a repulsa da ama. Maisie não estava naquele momento tão consciente do seu teor quanto do espanto pelo súbito desrespeito e carmesim nas faces de Moddle; mas foi capaz de recordá-las ao cabo de cinco minutos, quando, na carruagem, a sua mãe, toda ela beijos, laços, olhos, braços, sons estranhos e odores doces, lhe disse:

— E o bruto do seu pai, meu anjo precioso, não lhe mandou entregar nenhuma mensagem à sua querida mamã?

Foi então que se apercebeu de que as palavras ditas pelo bruto do seu pai estavam, afinal de contas, alojadas nos seus pequenos e perplexos ouvidos, de onde, a instâncias de sua mãe, passaram à sua clara e aguda voz, perpassando os seus pequenos e inocentes lábios:

— Ele disse para lhe dizer — informou com fidelidade — que é uma porca repugnante e ascorosa!

2

Naquela intensa consciência do imediato que é a própria essência do espírito da criança, o passado, em cada ocasião, tornava-se para ela tão indistinto quanto o futuro: ela abandonava-se a si mesma ao presente com uma boa-fé que deveria a ambos os progenitores parecer tocante. Por mais rude que fosse o seu cálculo, este assentava desde a primeira hora no caso: ela era a pena que poderia ser constantemente batida pelas raquetes um do outro. O mal que era seu apanágio pensar ou fingir pensar do outro seria vertido naquela sua pequena alma recolhida como num recipiente sem fundo, e cada um dos contendores possuía indubitavelmente a melhor consciência do mundo quanto aos deveres de saturar aquele recetáculo com as duras verdades que seriam, no fundo, o seu bastião contra as impurezas do outro. Ela estava na idade na qual todas as histórias são verdadeiras e todas as ideias são histórias. A de cada momento era o absoluto, apenas o presente era vívido. Por exemplo, a reprimenda saída dos lábios da sua mãe depois de cumprir com o pedido expresso do seu pai foi uma mensagem que caiu a seco na sua memória como uma carta que é depositada num marco do correio. E tal como a carta, enquanto parte do conteúdo de uma mala de carteiro bem recheada, ela foi entregue a tempo ao seu respetivo destinatário. Em presença destes atulhamentos, depois de assim continuarem por um bom par de anos, os associados de cada partido sentiam por vezes que alguma coisa deveria ser feita em nome daquilo a que chamavam «o verdadeiro bem, não concorda?» da criança. Em geral, a única tomada de posição, contudo, ocorria quando se observava entre suspiros